



Crítica de Música

Beijar a alegria em pleno voo

Momento



De Karlheinz Stockhausen
Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian
Peter Eötvös: maestro
Julia Bauer: soprano
Pedro Amaral: maestro assistente e desenho de som
Solistas do Coro Gulbenkian
(Patrycja Gabrel, Joana Nascimento, Frederico Projecto, Rui Borrás, Manuel Rebelo)
Jorge Matta: maestro do coro
Marie Mignot: direcção cénica
Sexta-feira, 11 de Novembro de 2011, às 19h. Lisboa, Grande Auditório da Gulbenkian
Cerca de mil espectadores

Momento é uma obra enorme de Stockhausen. Foi criada entre 1962 e 1964, revista e terminada em 69, estreada em 1972. As datas aqui têm importância. Pois foi apenas agora - em 2011 - que aconteceu a primeira apresentação em Portugal da versão integral desta obra tão importante da música do século XX. A vanguarda de há 50 anos é agora história. Dá a sensação de que a Gulbenkian se deveria ter enchido de escolas inteiras com estudantes de todos os graus de ensino. Para não se achar (no futuro) que é novo o que não é. O novo é já muito antigo.

Escândalo nenhum, portanto, com Stockhausen. Escândalo é não se tocar regularmente as grandes obras da segunda metade do século passado. Escândalo é a indiferença, a falta de atenção, a aceitação de tudo, a insensibilidade acrítica perante a arte dos nossos tempos. Enquanto o revivalismo pulula e se sucedem rituais comemorativos em que o passado nos chega duas vezes morto.

Agora que passou o tempo do escândalo com as vanguardas, os aplausos dos intérpretes fundem-se com os do público sem surpresa. É preciso explicar que os cantores em *Momento* não cantam só. Murmuram, percutem, aplaudem, gritam, e pateiam até, citando as pateadas das reacções negativas à vanguarda antiga. O coro Gulbenkian conseguiu, com

entusiasmo e atenção, fazer um trabalho de muito boa qualidade numa obra que não é “chapa quatro”, nem parte habitual do seu repertório.

Momento são “momentos”. Momentos de amores. Fragmentos sucessivos, por vezes interpolados, num quase “eterno presente”, suspendendo o tempo. Sucodem-se textos de origens diversas. O *Cântico dos Cânticos* de Salomão (do Velho Testamento), onde o erótico e o eterno convivem, surge fragmentado e estrutura a obra. Mas há muito mais: citações do visionário William Blake, jogos fonéticos de Stockhausen, cartas de amor da sua mulher, sobreposições de línguas, palavras, contos. Tudo formando um aberto e intrincado jogo de timbres, por vezes espectacular, graças às intuições tão bem calculadas deste outro visionário chamado Stockhausen. O entusiasmo dos presentes, no final, não era despropositado. Entusiasmo “histórico”, talvez (enfim podemos ouvir isto!), mas também vivo prazer presente do som. Pois a direcção exacta de Eötvös e Pedro Amaral (e Jorge Matta, na preparação do coro) conduziu a uma interpretação clara e intensa. Julia Bauer, soprano, fez um trabalho musical impressionante, entre sussurros e risos, entre o canto e um estalar de dedos, gozando a música, brincando como uma criança, mas com as ferramentas amadurecidas de uma grande cantora.

Stockhausen aspirava à eternidade, tentando colocar-se fora da história ou, pelo menos, num tempo cósmico, de que julgava ser um enviado especial. No poema de Blake citado em *Momento* “aquele que beija a alegria em pleno voo vive na aurora da eternidade”. E sem dúvida que a música de Stockhausen ainda faz isso em amorosos momentos. Mas há um perigo: vivermos no “eterno presente” que *Momento* sugere que contemplemos. Que tudo fique sempre como está, isso pode ser catastrófico.

Pedro Boléo